

Constituinte tem estrelas, meteoros e até cometas

Embora maioria ainda esteja em "buracos negros", muitas revelações dominam o novo universo

REJANE DE OLIVEIRA
Da Editoria de Política

Contrariando todos os prognósticos iniciais, que apontavam 25 de dezembro como data máxima para a promulgação da nova Carta Magna, a Assembleia Nacional Constituinte completa o seu primeiro aniversário daqui a uma semana, sem que o projeto constitucional tenha sequer iniciado sua votação em primeiro turno pelo plenário.

Foi um ano de muito trabalho, de avanços e recuos, de confrontos e de consensos. Mas foi sobretudo um período em que o meio político brasileiro registrou gratas revelações. Infelizmente, as decepções também não foram poucas. Afinal, houve de tudo no universo dos constituintes: de estrelas de primeira grandeza até meteoros, passando pelos inevitáveis satélites sem brilho próprio e pelos cometas de aparições episódicas. Isto sem falar nos que preferiram alojar-se no buraco negro e fazer absoluta questão de não serem notados.

O leitor está convidado a e excursionar por este surpreendente universo.

AS SURPRESAS

Gaúchos ocupam espaços

Se alguns parlamentares frustraram as expectativas, por outro lado a Constituinte produziu estrelas de brilho inesperado. Na medida em que crescia a perplexidade de Lula com as minúcias regimentais, por exemplo, sobressaía-se a competência do seu vice-líder, o deputado José Genoíno. Competência utilizada muitas vezes para tumultuar e obstruir os trabalhos, é verdade, mas no entender do próprio Genoíno o mínimo que a esquerda minoritária pode fazer é esperar.

O lugar-tenente de Lula começou a sobressair-se logo na primeira votação do projeto constitucional, já na fase decisiva da Comissão de Sistematização. Não que ele também não tenha agitado bastante durante o período das comissões e subcomissões, onde tentou mexer nas atribuições das Forças Armadas, mas na Sistematização seu nome chegou finalmente às manchetes: ateu, ele paralisou a Constituinte por vários dias na tentativa de eliminar qualquer referência a Deus no preâmbulo da Constituição. Perdeu, mas ocupou sozinho mais espaço na imprensa do

que muitas eminências paradas da Assembleia.

O deputado Nelson Jobim, do PMDB, é outra das revelações da Constituinte. Advogado gaúcho de 41 anos, em primeiro mandato, Jobim chegou a Brasília com tal desenvoltura que em poucos dias se tornou peça importante na assessoria do senador Mário Covas. Sempre que se precisa de um parecer jurídico, incluindo até questões duvidosas do intrincado regimento, a consulta segue invariavelmente da liderança do PMDB para o gabinete 734 da Câmara. A resposta não demora e, na maioria das vezes, é competente.

Dono de uma meteórica carreira política (começou como deputado estadual, na legislatura seguinte chegava à Câmara e, quatro anos mais tarde, já estava no Senado), o senador gaúcho José Fogaça também vem tendo uma atuação até certo ponto surpreendente na Constituinte. Um de seus principais feitos foi a autoria do primeiro projeto parlamentarista da Assembleia, o chamado "neoparlamentarismo" que idealizou como relator da Subcomissão do Poder Executivo.



Fogaça subiu rápido e veio trazer ponderação

Genoíno conseguiu superar o radicalismo previsto

OS ALIENÍGENAS

Expectativas frustradas

Embora cercados de expectativas quando foram eleitos, há parlamentares que não se encaixam, por mais que tentem, no universo da Constituinte. Mais parecem alienígenas vindos de muito longe, quem sabe de algum lugar escondido atrás do buraco negro.

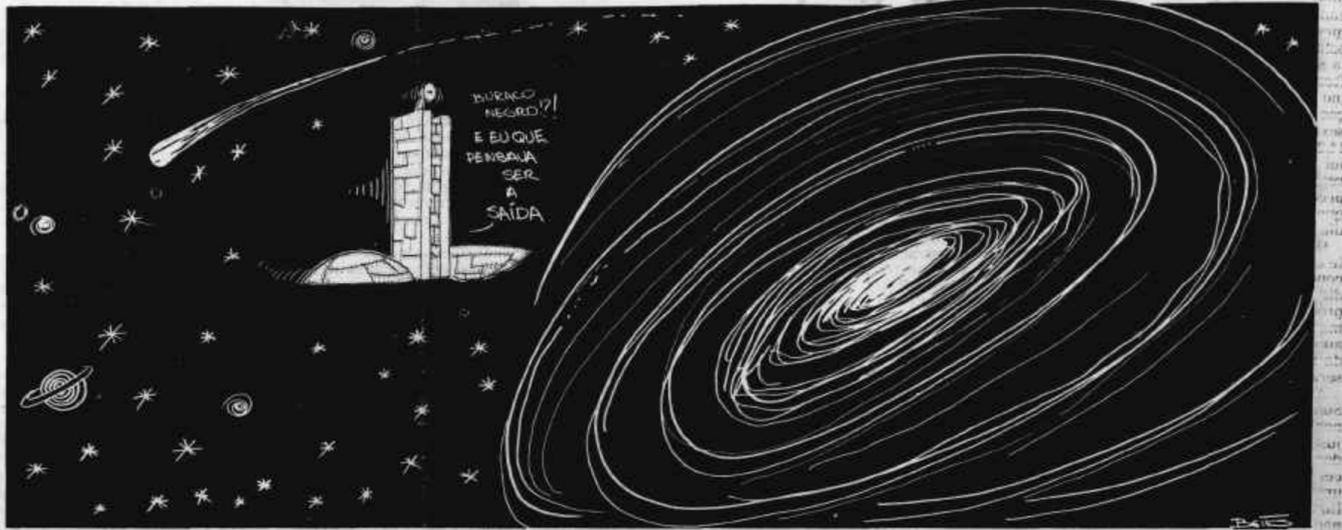
Não é que não possuam brilho próprio, muito pelo contrário. Em geral, os alienígenas são políticos até bastante bem equipados em termos de liderança e não faltam sequer presidências ao grupo. O problema é que eles não conseguem ver sentido no complicado e aparentemente inútil jogo dos regimentos e das questões de ordem. Então simplesmente se desinteressam pela Constituinte e voltam a atuar junto a segmentos extraparlamentares, onde se articulam com desenvoltura.

O deputado Delfim Netto é um exemplo típico dessa espécie. Chegou à Constituinte após uma campanha arrasadora em São Paulo, de oposição ferrenha ao governo da Nova República. Deste ex-ministro de diversos períodos do ciclo militar, reconhecidamente inteligente e dono de uma ironia devastadora, esperava-se discursos memoráveis e a apresentação de propostas abundantes à nova Carta Magna. Quase um ano já se passou e sabe qual é o balanço de to-

da essa expectativa? Pois bem: o deputado nunca subiu à tribuna. Em compensação, articulou-se como nunca junto ao empresariado e os jornais não deixaram de receber seus requintados artigos sobre a situação econômica nacional.

Outro alienígena de primeira linha, embora em campo oposto ao de Delfim, é o ex-metalúrgico Luiz Ignácio Lula da Silva, que já teve sua candidatura lançada à Presidência da República pelo PT. Este arriscou-se algumas vezes na tribuna e não chegou a decepcionar inteiramente. O problema de Lula, segundo um dos líderes do PMDB no Congresso, é que ele não tem condições de debater certos assuntos em profundidade e por isso opta, invariavelmente, pelo discurso populista. O que tem grande efeito nos palcos mas não chega a impressionar nos tapetes do Parlamento.

Quando se entra em discussões regimentais, então, a expressão do presidente nacional do PT é de absoluto desamparo. E é aí que ele se apaga diante da dedicação de uma das revelações da Constituinte, o também petista José Genoíno. Fora do Congresso, contudo, Lula continua a exercer uma liderança incontestável junto a determinados segmentos do eleitorado. Em sua área, alienígenas são os outros.



Covas conheceu a glória e a queda rapidamente

Rita estorçou-se, mas não despertou mais atenção

Cássio, o mais jovem, só apareceu no Chacrinha

OS COMETAS

Muito brilho, por pouco tempo

O halley que se cuida. Pelo menos no Brasil, ele tem vários concorrentes (à altura?), todos concentrados na Constituinte. São os parlamentares-cometa, aqueles que brilham muito em certas ocasiões, caem na obscuridade em seguida para, mais à frente, voltarem a iluminar os céus da política nacional.

Neste grupo está o senador Mário Covas. Ele chegou a Brasília ofuscando outras estrelas com os seus oito milhões de votos, obtidos em São Paulo após apenas quatro anos de retorno à vida pública (ele fora cassado pelo regime militar em 69, quando era líder do MDB na Câmara). Desapareceu rapidamente para voltar à cena ao bater o candidato de Ulysses Guimarães à liderança peemedebista na Constituinte, o hoje ministro Luiz Henrique.

Eleito líder, Covas continuou brilhando alto ao garantir para os seus aliados progressistas as relatorias das comissões e subcomissões temáticas. A manobra resultou em projetos constitucionais avançados nas primeiras fases da Constituinte, mas valeu críticas de todos os lados para o senador paulista. Quando a Comissão de Sistematização finalmente começou a se reunir, o cometa Covas estava debaixo de uma chuva de acusações. Diziam que havia manipulado a composição do órgão para favorecer os interesses da esquerda, enquanto setores importantes de sua bancada passaram a negar-lhe obediência. Um politicamente providencial problema cardíaco o tirou de Brasília.

Após quase dois meses de obscuridade, o senador de oito milhões de votos tentou recuperar seu brilho enfrentando o então emergente Centrão. Foi uma derrota atrás da outra. Não impediu a mudança do regimento interno e muito menos apaziguou os ânimos da bancada. Termino, não ouviu os conselhos dos amigos e há dias reuniu seus liderados (?) para tentar precipitar uma decisão em torno do mandato presidencial de quatro anos. Como na convenção que patrocinou no ano passado, não conseguiu o que pretendia pelo simples fato de que a maioria dos peemedebistas (160 assinaram a emenda Matheus Iensen) apóia os interesses do Palácio do Planalto. De quebra, ainda forneceu o cenário ideal para que sua liderança fosse publicamente contestada pelo senador Leite Chaves. Que nem é do Centrão.

Atualmente Covas está em baixa, mas pode voltar aos céus nos próximos meses. De duas formas: vencendo a disputa pelo mandato ou através do movimento do chamado grupo histórico do PMDB.

Outro cometa da Constituinte, cujo brilho surge ou desaparece na proporção inversa ao de Covas, é o deputado Carlos Sant'Anna, líder do Governo. Ele esteve em alta quando, logo após ter sido indicado por Sarney, passou a centralizar a distribuição de verbos e cargos públicos entre os políticos fiéis ao Planalto. Teve sua primeira derrota com a aprovação do parlamentarismo ainda na fase das subcomissões constitucionais, e voltou a

iluminar os céus na hábil criação do Centro Democrático (alguém lembra?).

A Comissão de Sistematização foi um período de absoluta obscuridade para o líder governista. Bem que ele tentou mudar as coisas, mas saiu das votações derrotado nas duas únicas questões que efetivamente interessavam a Sarney, que não só teve seu mandato reduzido para quatro anos como também amargou a aprovação de um regime parlamentarista bastante próximo aos moldes clássicos.

Com o advento do Centrão, que ajudou (mas nem tanto) a viabilizar, Sant'Anna voltou às manchetes, especialmente depois de conseguir 317 assinaturas de constituintes para a emenda Matheus Iensen. Só não brilha tanto quanto no passado porque tem que dividir os louros da vitória com dois outros astros, estes de uma constelação extraparlamentar: os competitíssimos ministros Prisco Viana e Antônio Carlos Magalhães.

Na categoria dos cometas também pode ser incluído o deputado Bernardo Cabral, relator-geral da Constituinte. Até pelas atribuições que o regimento lhe confere, a sua trajetória no ano passado foi feita de luminosas aparições e desaparecimentos súbitos. Desde que o projeto de Constituição chegou pela primeira vez em suas mãos, Cabral teve quatro momentos de evidência, justamente nos períodos em que se aguardava a divulgação de seus pareceres. Foi muito criticado, mas também recebeu tímidos elogios.

OS FORA DE ÓRBITA

Posições foram revistas

Da mesma forma que apagou estrelas e descobriu brilhos inesperados, a Constituinte também é pródiga em desviar políticos de trajetórias até então consideradas imutáveis. Na disputa ideológica pela fatura constitucional, direitistas de fama consolidada aparecem defendendo posições progressistas, enquanto conhecidos esquerdistas apegam-se a surpreendentes posições conservadoras.

Antes da Constituinte, quem seria capaz de imaginar o deputado José Genoíno, ex-guerrilheiro e integrante da ala radical do PT, tecendo rasgados elogios públicos ao senador Jarbas Passarinho, ministro de três governos militares? O parlamentarista petista foi membro da Comissão de Defesa do Estado, presidida por Passarinho, e acabou o ano encantado com o senador, cujas posições de centro assumidas na Constituinte valeram-



Konder Reis: na esquerda rinho, e acabou o ano encantado com o senador, cujas posições de centro assumidas na Constituinte valeram-

lhe livrar-se da pecha de extrema-direita que o perseguia há anos.

Outra trajetória inesperada foi a do senador Virgílio Távora, um ex-governador do Ceará profundamente identificado com o coronelismo reinante na política daquele estado. A atuação de Távora na costura de acordos suprapartidários, à frente do Grupo dos 32, foi de fundamental importância em alguns momentos bem difíceis da Constituinte.

Nesta mesma linha está o deputado Konder Reis, governador bônico de seu estado (SC) durante o regime militar e relator-geral da Constituição de 67. Na atual Constituinte, ele tem surpreendido, votando quase sempre ao lado das esquer-

AS APARIÇÕES

Centrão deu notoriedade

Até o advento do Centrão, pouquíssimos jornalistas políticos tinham ouvido falar em deputados como Basílio Villani e Luiz Eduardo Magalhães, só para citar dois exemplos. Depois, tudo mudou: de parlamentares anônimos e inexperientes (os dois citados são calouros na Câmara), os principais articuladores centristas subiram para as manchetes dos jornais.

Aliás, na constelação da Constituinte, o Centrão funciona atualmente como uma espécie de astro-rei. E não é egoísta ao distribuir sua luz. Do já relativamente famoso Dado Coimbra (parlamentar antigo que costuma acertar sempre em suas previsões políticas) ao novo Luiz Eduardo (filho do ministro das Comunica-

ções), todos tiveram direito a uma fatia de notoriedade. Antes considerado um vilante, Dado é encarado hoje como o mais metódico articulador da Constituinte. De ilustre desconhecido, Magalhães ocupou nada menos que as páginas amarelas da revista Veja.

Sob o manto protetor do Centrão, os deputados Ricardo Flúza e Roberto Cardoso Alves, o Roberto, fortaleceram a imagem de agressividade que compartilham. Só que agora com uma justificativa política-válida: eles falam em nome da maioria. E um terreno igualmente fértil para os impulsivos líderes do PDS e do PFL, os também centristas Amaral Netto e José Lourenço.

Ulysses, a estrela-guia

Nenhuma avaliação a respeito do primeiro ano da Constituinte estaria completa sem uma referência ao deputado Ulysses Guimarães, o todo-poderoso multipresidente da própria Assembleia, da Câmara, do PMDB e, eventualmente, substituto de Sarney na Presidência da República.

Afinal, durante esses quase doze meses, o deputado paulista foi uma espécie de estrela-guia da Constituinte. Há quem o chame de centralizador (tem razão) e o segmento histórico do PMDB o culpe pelo fisiologismo da legenda. O que não se pode negar, contudo, é a sua obstinação em ver concluída o quanto antes a tarefa de elaboração constitucional.

E não é para menos. Com sua imagem política desgastada pelo apelo ao Governo, o ex-senhor diretas vê na Constituinte o grande trunfo para se credenciar junto ao partido como virtual candidato à su-

cessão presidencial. Mesmo os seus adversários admitem que não há competidores à altura na convenção peemedebista, já que Ulysses domina imponente a máquina partidária. Quanto à recuperação de sua imagem perante o eleitorado, parece não haver problemas: um de seus mais notórios aliados jura que o multipresidente romperá com Sarney no momento oportuno, retornando aos palanques na pele que lhe cal melhor. A de posicionista.

Por enquanto, o que há de visível é a obsessão de Ulysses em promulgar urgentemente a nova Carta Magna. Ele não teve sorte em seus prognósticos anteriores: no passado, falou em 7 de setembro, 15 de novembro e 25 de dezembro. No ano novo, a sua previsão é de que a Constituinte acabe no final de fevereiro ou princípio de março. Contra todos os prognósticos.

OS METEOROS

Quem se lembra da musa?

Tão logo foram proclamados os resultados da eleição de 86, a imprensa tratou de descobrir tipos exóticos entre os 559 constituintes eleitos em todo o País. Não foi uma tarefa difícil, pois nunca antes uma representação parlamentar fora tão marcada pela heterogeneidade como a atual.

Dessa busca pelo novo, surgiram o que se imaginava seriam as primeiras estrelas da Constituinte. Puro engano: não passavam de meteoros. Tão logo saíram da luz dos refletores e do foco das câmaras, dissolveram-se irremediavelmente na atmosfera política.

Um ano depois, quem ainda lembra o nome da musa da Constituinte? Aposentadoria integral para o acertador: Não consegue? Pois ela se chama Rita Camata, tem 27 anos, é loura e continua belíssima. Infelizmente, pelo menos nesses doze meses de funcionamento da Constituinte, compareceu aos 32 e ao Centrão, mas ainda não demonstrou qualquer vocação para a vida parlamentar. A tribuna que o diga!

Outro exemplo de meteoro é o paraibano Cássio Cunha Lima, o mais jovem constituinte, com apenas 24 anos. No começo de 87, a sua pouca idade o colocou na categoria dos exóticos e chegou a render espaço considerável na imprensa, além de um convite para o Programa do Chacrinha. Foi lá e abafou. Descontrado e com um discurso progressista, até que também não se saiu mal na tribuna. Mas depois da empolgação inicial, como

allás era perfeitamente previsível, apagou-se entre estrelas de maior grandeza.

Mais um constituinte do tipo não-conventional? Que tal a deputada Benedita da Silva, do PT do Rio de Janeiro? Foi outra que foi recebida ruidosamente pela imprensa, na dupla condição de negra e favelada. Especialmente quando assume internamente a presidência da Constituinte, costuma aliar uma expressão simpática à uma seriedade impecável. Nada mais que isso. A sua atuação político-parlamentar está muito aquém do brilho fugaz que a acompanhou nos primeiros dias de trabalho em Brasília.

Outra excêntrica é a deputada Dirce Tutu Quadros. Esta não ganhou espaço por ser linda, jovem ou favelada, mas por uma série de escândalos. Começou brigando pelo gabinete que pretendia ocupar na Câmara (até aí tudo bem), mas notabilizou-se mesmo quando foi internada pelo pai (não menos excêntrico) numa clínica psiquiátrica, diz ela que contra a sua vontade. O episódio inspirou a deputada paulista em sua mais notória contribuição à futura Constituição: apresentação de uma emenda excludente exigindo laudos médicos imparciais antes de qualquer internação determinada por parente do enfermo. Mais recentemente, ameaçou uma repórter que publicara o seu nome entre os defensores do mandato de cinco anos — para dias depois assinar a emenda Matheus Iensen. O pai dela é Jânio Quadros.